

EDUARDO SPOHR

FILHOS DO ÉDEN
—
HERDEIROS DE ATLÂNTIDA

LIVRO I

1ª EDIÇÃO



Grupo Editorial Record

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora Editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Ana Paula Gomes

Revisão

Anna Carolina G. de Souza

Projeto Gráfico

André S. Tavares da Silva

Ilustração da Capa

© Stephan Stölting

© Verus Editora, 2011

Direitos mundiais reservados, em língua portuguesa, por Verus Editora.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

VERUS EDITORA LTDA.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55

Jd. Santa Genebra II - 13084-753

Campinas/SP - Brasil

Fone/Fax: (19) 3249-0001

verus@veruseditora.com.br

www.veruseditora.com.br

GRUPO EDITORIAL RECORD

www.record.com.br

*Para os meus irmãos, Juliana e Tiago
E para os amigos Guilherme e Ximu*

— ✂ — ✂ —
SUMÁRIO

Apresentação: Uma mensagem aos leitores
de *A Batalha do Apocalipse* 11
O Manuscrito Sagrado dos Malakins 13

LIVRO I: HERDEIROS DE ATLÂNTIDA

Prólogo 19

PARTE I: SANTA HELENA

1 Can't Take my Eyes off You 29
2 Os Sentinelas 34
3 Redemoinho Estelar 38
4 Apartamento 617 45
5 Consulta Médica 50
6 Amigo dos Homens 58
7 Centelha Divina 64
8 Fim da Linha 68
9 Trilha de Chamas 73
10 Mente em Branco 78

11 Anjos e Monstros	82
12 Disparo na Noite	89
13 Exilado	94
14 Ascensão e Queda	98

PARTE II: NA ESTRADA

15 Platina Branca	105
16 Anjo da Morte	110
17 Guerra no Céu.....	117
18 Palácio Celestial	125
19 A Caverna de Gelo	130
20 O Anjo Branco	137
21 Anistia	146
22 Belle Époque	153
23 Batida Policial	159
24 Faísca	167
25 Planos e Dimensões	175
26 Última Chance	182
27 A Horda	186
28 Éden Celestial.....	189
29 Guerra de Trincheiras.....	196

PARTE III: AMAZÔNIA

30 Falcão-Peregrino	207
31 Motel Cosmos	210
32 O Primeiro Anjo	218
33 As Nações Antediluvianas	226
34 Vórtices e Vértices	231
35 Entre Feras e Lobos	237
36 O Templo Yamí	246
37 No Mundo dos Sonhos	256

38	Enoque e Atlântida	271
39	Fogo Negro	277
40	“Dirija Rápido e Mantenha-se Bêbado”	282
41	Palavra de Retorno	286

PARTE IV: ATHEA

42	Cortina de Aço	291
43	Ectoplasma	299
44	Coração de Gelo	307
45	Tommy Gun	315
46	Três Desejos	322
47	O Mágico de Oz	328
48	As Vias Atlânticas	332
49	Demônio Celeste	338
50	O Sexo dos Anjos	344
51	O Rochedo dos Mortos	349
52	Obelisco Negro	357
53	Invasores de Enoque	362
54	Baralho de Opostos	367
55	Fogo contra Gelo	372
56	A Câmara Oceânica	380
57	Soldados do Inferno	385
58	O Golem	389
59	Carta na Manga	394
60	Além da Eternidade	397
61	Sopro de Deus	406
62	Questão de Honra	411
63	Espiral de Fogo	415
64	O Anjo da Revelação	420

	Epílogo	423
--	---------------	-----

LIVRO 2: ANJOS DA MORTE

Prólogo	429
---------------	-----

APÊNDICE

Personagens	437
As Sete Castas Angélicas	441
Os Sete Céus	442
Cronologia Celeste	443
A Realidade e Além	451
Linha do Tempo	458
Glossário	464

— ❖ — ❖ —

APRESENTAÇÃO

Uma mensagem aos leitores de *A Batalha do Apocalipse*

NA MADRUGADA DO DIA 9 DE JULHO, DESPERTEI AGITADO. NÃO CONSEGUIA voltar a dormir, preocupado com o roteiro ainda pendente da minha viagem de férias, marcada para dali a duas semanas. Depois de um ano e meio de privações, e após ter entregado à editora os manuscritos finais de *Filhos do Éden – Herdeiros de Atlântida*, resolvi tirar um curto período de descanso na França, onde pretendia iniciar as pesquisas para o segundo volume desta série, *Anjos da morte*.

Vencido pela insônia, tomei o elevador e caminhei algumas quadras até a praia de Copacabana, para apreciar um espetáculo que há tempos não via – o nascer do sol. Sentado nas areias brancas, divaguei sobre todas as coisas que aconteceram desde o primeiro lançamento de *A Batalha do Apocalipse*.

O sucesso do livro, tão improvável quanto a perspectiva de uma esfera incandescente vir a abrigar formas de vida, deve-se inegavelmente aos anjos – não aos alados da fantasia, tampouco às figuras mitológicas, mas às pessoas comuns que, sem esperar nada em troca, divulgaram a obra entre os colegas de trabalho, os amigos da faculdade, os companheiros de escola, os familiares. O poder desses celestiais é magnífico, e, se *A Batalha do Apocalipse* tem um herói, são os leitores, os verdadeiros responsáveis por fazer os querubins alçarem voos mais elevados.

A repercussão das caminhadas de Ablon lançou às minhas mãos um dilema. Embora apaixonado pelos antigos personagens, algo me dizia que era preciso renová-los, que o retorno de Orion, Shamira ou Amael, neste momento, seria uma jogada incoerente e oportunista – a trajetória deles se encerra em *A Batalha*, não seria justo desgastá-los.

O cenário apresentado, no entanto, ainda poderia gerar permutações. Por ser um renegado, Ablon esteve por séculos alheio à política celeste, e esse era o ponto que eu queria explorar. Como se relacionam as diferentes castas no céu? Quem são os agentes na linha de frente? Qual é o reflexo da guerra civil na vida dos seres humanos? Quais são os reinos que se escondem além do tecido da realidade, aos quais o Primeiro General era incapaz de se transportar?

No fim das contas, a decisão de principiar uma nova saga, em vez de simplesmente reciclar os elementos do livro anterior, foi espontânea, um traço, a meu ver, essencial para que qualquer história dê certo. A ideia era expandir esse “universo”, abrindo um novo leque de possibilidades, de novas tramas e acontecimentos. Portanto, ainda que *Filhos do Éden* guarde semelhanças com o enredo pregresso, ele constitui uma obra única, que propõe questões mais humanas e apresenta heróis mais vulgares, menos infalíveis.

Herdeiros de Atlântida é o primeiro tomo de uma série, com cada parte encerrando uma aventura, uma missão. Velhas perguntas serão respondidas, à medida que outras surgirão, para então se fecharem à conclusão do último ato.

Este livro é, sobretudo, uma homenagem aos antigos leitores, um romance livre de oportunismos, que respeita a cronologia original, ao passo que introduz novos conceitos. É, ainda, um tributo aos personagens clássicos, uma forma de dar a eles o descanso devido e ao mesmo tempo guardá-los para sempre em nossas memórias.

Olhei para o céu. Ao leste, o anil do crepúsculo havia assumido tons carmesins, num incrível espetáculo de nuvens alaranjadas. O sol havia nascido.

Era o início de um novo dia.

EDUARDO SPOHR, outono de 2011

✠ — ✠

O MANUSCRITO SAGRADO DOS MALAKINS

POUCOS SABEM COMO COMEÇOU. OU O QUE HAVIA ANTES. NÃO QUE ISSO importe, realmente. Porque não houve um *antes*. Aconteceu em um tempo em que o próprio tempo não existia, e a matéria não passava de um grão de energia, flutuando na sombra do espaço.

Guerra. Luz e trevas. Lei e ordem. Claro e escuro. Bem e mal.

Sobreveio a explosão. Indescrevível. Inimaginável. Ensurdecedora. O universo se expandiu, lançando fragmentos na negritude, formando ondas de poeira cósmica, dando origem às dimensões paralelas. Mundos inteiros foram criados. Estrelas nasceram e morreram, nebulosas surgiram nos oceanos de plasma. Galáxias se condensaram.

Por bilhões de anos, os alados vagaram sozinhos, intocáveis no santuário infinito. E, quando o sexto dia terminou, Deus estava orgulhoso de seu trabalho. De todas as maravilhas, a espécie humana foi a que ele mais adorou: sua criação podia aprender, evoluir e amar.

Yahweh partiu para o descanso do sétimo dia e deixou aos cinco arcanjos a tarefa de comandar os celestes, reger o paraíso e servir à humanidade, sem interferir em seu curso. Mas, inflados de ciúme e luxúria, os primogênitos invejaram a raça mortal. Miguel, o Príncipe dos Anjos, decidiu que os homens não eram herdeiros dignos de Deus e resolveu

tomar a terra de assalto. Enviou assassinos, fomentou cataclismos, explodiu vulcões, provocou terremotos e congelou o planeta.

O paraíso se dividiu. A primeira revolta foi esmagada, e os conspiradores, expulsos. A tensão entre os gigantes cresceu, culminando numa batalha devastadora, que seccionou para sempre as hostes divinas. Lúcifer, o Arcanjo Sombrio, desafiou a autoridade do onipotente Miguel, atraindo um terço das legiões para sua causa. Mas suas ambições eram igualmente malignas e, vencidos, os anjos caídos foram atirados ao inferno, onde aguardam o momento oportuno para completar sua vingança.

Milênios mais tarde, os focos da rebelião, sufocados no princípio, se reacenderiam numa nova chama. O arcanjo Gabriel, servo mais leal do Príncipe Celeste, recebeu a missão de descer à Haled para planejar uma nova catástrofe. Mas, em seus corpos terrenos, os anjos são vulneráveis aos sentimentos carnis. Pela primeira vez, ele provou o calor da alma humana e entendeu o amor que sentia por Deus. Repudiou as ordens do irmão e assim começou uma nova guerra, a guerra civil, a eterna disputa pelo paraíso, que persiste até hoje.

Reunidos no Primeiro Céu, Gabriel e os exércitos rebeldes iniciaram uma gigantesca campanha contra as forças legalistas, estacionadas na quinta camada. O Quarto Céu, Acheron, transformou-se numa violenta zona de combate, onde os querubins lutam dia e noite há mais de dois mil anos.

Quando os revoltosos avançaram, derrubando fortalezas e ganhando posição, Miguel, temeroso de perder o trono, ordenou o Haniah, o Retorno, determinando que todos os seus aliados que atuavam ou estivessem no plano material regressassem imediatamente. Com o contingente inimigo aumentando, Gabriel fez o mesmo, e a Haled foi abandonada. Os vórtices de acesso às dimensões superiores foram fechados, restando alguns poucos, guardados por poderosos vigias.

A casta dos elohins, cuja natureza é viver entre os homens, obteve permissão especial para continuar no mundo físico, assim como outros desgarrados, que se recusaram a voltar. A única condição era que não interviessem no rumo da guerra e estivessem prontos para servir a seus arcanjos quando o dever os chamasse.

Enquanto o paraíso queima num embate de sangue e espadas, os dois lados estabeleceram um armistício na terra – uma trégua frágil e delicada, que pode desmoronar a qualquer instante.

Isolada no Sexto Céu, a ordem dos malakins traçou suas previsões.

Aquela não seria mais uma guerra. Havia começado.

Era o princípio do fim.

LIVRO I



HERDEIROS
DE ATLÂNTIDA



PRÓLOGO

Interior do Brasil, dias atuais

PARA A MAIORIA DOS ANJOS, O GRANDE PROBLEMA DA TERRA NÃO É A CORRUPÇÃO humana ou a degradação social. É o *cheiro*.

Levih e Urakin se acomodaram na mesa do restaurante, uma esplanada à beira da estrada, nos fundos de um posto de gasolina decadente, de paredes enegrecidas pela poluição dos caminhões e janelas embaçadas com a gordura das frigideiras. Era noite e o pavilhão estava agitado. Carreiros, passageiros de ônibus e funcionários de transportadoras comiam e bebiam, naquela que era a última parada rodoviária em quilômetros. O chão, coberto de marcas de óleo, escorregava a cada passo. No ar, o odor de combustível se misturava ao fedor de urina, que escapava intermitentemente do banheiro sem portas. Sob o balcão, sanduíches e salgados eram expostos numa estufa gelada, atraindo insetos ao banquete noturno.

Levih, acomodado à direita da mesa, era uma exceção entre os aliados. Conhecido como Amigo dos Homens, pertencia à casta dos ofanins, a ordem dos anjos protetores, defensores da espécie mortal. Vagara pelo

mundo ajudando em causas humanitárias, dando alimento espiritual aos desesperados, tentando afastá-los da perversão. Seu rosto era jovem, de olhos azuis e dentes muito brancos, que se destacavam na expressão sorridente. Os cabelos cobriam a testa numa franja grisalha, e os fios cinzentos tornavam difícil saber se tinha 20, 30 ou 40 anos. A barba da mesma cor corria rala em volta do queixo, e a falta de bigode revelava uma constituição delicada. Vestia calça azul, camisa bege e um paletó verde-musgo, de um tecido tão fino que fazia lembrar um jaleco. O corpo magro combinava com a pele clara, o nariz arguto e as bochechas rosadas.

Acomodado à sua frente, Urakin, Punho de Deus, não tinha a mesma opinião acerca dos homens. Era um querubim, um anjo guerreiro, e não apreciava toda aquela desordem. Alto e musculoso, de corpo forte e quadrado, era fácil confundir-lo com um lutador peso-pesado, ou mesmo com um caminhoneiro mal-encarado. A expressão robótica assustava, realçando ainda mais a cicatriz no supercílio. O pescoço grosso terminava numa face redonda, de cabelos raspados, orelhas pequenas e cavanhaque curtíssimo. Usava coturnos, camiseta escura e uma japona marrom, com o capuz cáqui jogado para trás.

Um grupo de motoristas embriagados começou a cantar o hino de um clube esportivo. A chuva parou, silenciando os pingos no teto de fibra. Uma música antiga tocava repetidamente no rádio do bar: “Can’t Take my Eyes off You”.

– Então, você é o líder da missão? – perguntou Urakin, com os olhos fixos em Levih. Sua voz era áspera e ele falava pausadamente, ainda pouco confortável com a recém-materializada forma física, que os celestes chamavam de avatar.

– É o que parece – Levih respondeu, agradável. Olhou sobre as cabeças, como se procurasse alguém que estava para chegar. – É curioso. Uma formação nada usual.

– Como? – O comentário não fazia sentido.

– Nossas castas. Um baralho de opostos. Já pensou como isso é raro?

– Não fui recrutado para pensar – foi a resposta. – O que estamos esperando?

– O meu sanduíche – mas, ao entender a impaciência do colega, acrescentou:

– Estou calculando qual seria a melhor rota até o nosso destino.

– Você conseguiu um carro. – Através da janela, podia-se ver um velho utilitário estacionado num terreno baldio, quase no meio do mato, a oeste da parada de ônibus. – Já caminha na Haled faz muito tempo?

Levih sorriu e, apesar da aparência adulta, tinha algo de infantil no rosto. Os ofanins são essencialmente bondosos, tão amáveis que muitas vezes beiram a ingenuidade.

– Algum tempo.

Um homem de avental amarelado avisou que o sanduíche saíra da chapa: pão francês com queijo e manteiga. Levih buscou o prato, voltou à mesa e abriu um guia rodoviário, enquanto enfiava um canudo na latinha de refrigerante.

– Não sei como aguenta comer essa porcaria – Uraquin parecia enojado.

– A gente se acostuma – Levih retrucou, sem dar muita importância. Indicou com o dedo um ponto no papel. – Já estive aqui?

– Santa Helena? – Era o nome que constava no mapa. – Nunca ouvi falar.

– Também não. – O ofanim fechou o guia e o arrastou para o canto da mesa. – Agora, diga-me. Como pode ter acontecido? Dois celestiais, sendo um deles um arconte, desaparecerem sem deixar vestígios?

– Essa é a nossa missão?

– Resgatá-los. Por isso viemos. – Bebeu um gole do refresco e deu uma mordida generosa no pão com queijo. – Kaira, Centelha Divina, uma ishim mestre na província do fogo, e Zarion, o querubim que a protegia. Sumiram nesta cercania há dois anos, talvez um pouco mais.

– E por que só nos mandaram *agora*?

– Por que você acha? – Levih inclinou o corpo para frente e sussurrou, como quem partilha um segredo. – Não deveríamos estar aqui. *Eles* não deveriam ter estado aqui. Temos uma trégua, esqueceu?

– Duvido que Gabriel tenha quebrado o armistício. – Ele confiava em seu comandante. – E o que faremos após encontrá-los?

– Fui orientado a dar prosseguimento à missão original, estejam eles vivos ou mortos.

– E você sabe o que, ou quem, eles estavam perseguindo?

Levih ia responder, mas se calou. Dois homens com farda da polícia militar entraram no salão. Seus uniformes eram azul-marinho e usavam coletes à prova de bala. No cinturão, traziam pistolas de grosso calibre, rádio, cassetete, algemas e munição para as armas. Foram direto para a mesa dos anjos, sem ao menos olhar ao redor.

– Eu cuido disso – avisou o Amigo dos Homens, no momento em que o guarda se aproximou para abordá-lo.

– Boa noite, amigo. – O policial não esperou Levih responder. – O carro lá fora é seu? – e mostrou o automóvel estacionado no pátio.

– É de um colega.

– Eu quis dizer isso. – O segundo policial não desgrudava a atenção de Urakin. – Vai ter que vir comigo.

– Algum problema?

– Nada grave. Preciso checar os documentos. Só queremos verificar...

– Vamos acabar logo com isso. – O Punho de Deus se levantou. Levih devorou o resto do sanduíche e os seguiu, limpando os dedos em guardanapos de papel barato. Estava confiante em resolver o impasse, afinal a persuasão é uma característica inata da casta. Eles a usam para provocar reações emocionais, converter espíritos malignos e conduzir seres humanos ao caminho da redenção.

Urakin continuava em alerta enquanto saíam do restaurante. Os guardas não o assustavam, mas havia algo de estranho na maneira como andavam – ele não sabia dizer o que era. E havia um cheiro desagradável.

Na parte anterior do terreno baldio estava estacionada uma viatura policial, de portas abertas, bloqueando a saída do utilitário. Ao volante os aguardava um oficial graduado, exibindo insígnia de capitão, com a mesma farda de seus companheiros. Enfiada no coldre, sua pistola não era própria da instituição – era uma SIG-Sauer calibre 45 ACP, cromada, com a coronha e o gatilho pretos, um equipamento caro e bastante incomum. Levih calculou que tinha 35 anos, talvez um pouco menos.

Mas, apesar de ser um agente da lei, demonstrava expressão de bandido. O corpo era típico dos militares, com os antebraços especialmente largos. Os olhos eram negros e sombrios, delineados por sobrancelhas pretas. Os cabelos, igualmente escuros, estavam parcialmente escondidos sob a boina. Levantou-se imediatamente ao vê-los chegar. Encarou os celestes, examinando-os por vários segundos. Arrostando Urakin num gesto de desafio, para a seguir anunciar, como um juiz que lê a sentença:

– Este carro foi dado como roubado. Estamos atrás do ladrão. Onde estão os documentos?

Pelo tom, Levih entendeu que a acusação era séria. Os ofanins não aprovam a violência, mas ele sabia exatamente o que fazer.

– Capitão, eu e o meu amigo estamos muito cansados – argumentou. – E temos pressa. Estou certo de que entende isso. Agora, por que não esquece este mal-entendido e tira a viatura de nosso caminho? Seria de imensa ajuda, e ficaríamos eternamente agradecidos.

Normalmente, Levih não teria problemas em persuadir qualquer homem mortal, mas o agente estava irredutível. Franziu a testa e pousou a mão sobre a coronha.

– Também temos pressa, companheiro.

Com um instante de diferença, Urakin previu o ataque. Escutou quando os dois policiais mais atrás sacaram suas armas e decidiu reagir, como faria qualquer bom soldado. Estendeu a mão e tocou a maçaneta do utilitário, muito próximo a ele. Puxou a porta com violência e as dobradiças se partiram, rasgando o metal num trovejo. No mesmo impulso, transformou a peça em porrete, golpeando um dos oficiais bem na testa. Antes que o primeiro deles pudesse disparar, a espinha se quebrou com o choque – o corpo desabou inerte, esparramado ao lado de um arbusto, quando o outro guarda puxou o gatilho.

Levih estava paralisado, impressionado demais para reagir. O código de sua casta o impedia de ferir qualquer criatura, especialmente seres humanos, mesmo em defesa própria.

Urakin ouviu um estalo e sentiu duas balas lhe atravessarem a carne – uma entrou pelo ombro e a segunda trespassou o estômago, feliz-

mente longe do coração. Vigoroso, lançou-se à batalha e, como um urso, agarrou o atirador pelas têmporas, suspendendo-o com ambas as mãos.

O capitão não estava alheio ao combate, mas preferiu recuar, para só então puxar a pistola. Por sorte, a espoleta falhou, e, ao ver o estrago que o querubim provocara, ele saiu correndo, tomando distância dos anjos.

– Vá pegá-lo! – gritou o Punho de Deus, mas Levih se recusou.

– Pare com isto. É uma ordem! – Ele não tolerava assassinatos.

– Ainda acha que... – Urakin esmigalhou o pescoço – eles são humanos? – Quando a vítima morreu, ele a largou sobre o solo para, num movimento automático, remover-lhe o coração.

Reparando mais atentamente, os dois cadáveres eram distintos dos defuntos comuns. Os corpos começaram a murchar, como se os órgãos, o sangue e até os ossos estivessem *secando*. Restou, dali a poucos segundos, uma mancha de excrementos, borbulhando dentro de uma casca enegrecida, que foi diminuindo até esfriar.

– Raptos – murmurou o Amigo dos Homens. – Como nos acharam?

– É o trabalho deles – raciocinou o Punho de Deus.

– Como soube?

Urakin caminhou até a parte posterior da viatura, ainda com as luzes de alerta piscando. Abriu o porta-malas, rompendo a tranca com sua força sobre-humana. Três homens jaziam mortos, amontoados no bagageiro. Suas fardas e sua aparência eram as mesmas das entidades que os haviam agredido.

– Senti cheiro de carne podre.

Levih deu uma boa olhada nos policiais falecidos.

– Que diabrura! Eles copiam perfeitamente a forma humana.

– Qualquer forma – Urakin corrigiu. – Já enfrentei alguns deles antes – fechou o porta-malas. Sua natureza guerreira clamava por mais ação. – Vamos ficar parados? O chefe deles ainda pode estar ao nosso alcance.

– Melhor deixarmos que ele fuja – decidiu o ofanim. Era o líder, por enquanto. – Esse incidente não tem nada a ver com a nossa missão. Os

raptos andam por aí a caçar anjos perdidos. Uma lástima que nos tenham localizado. Mas não podemos deixar que contratempos assim nos atrasem.

– Como preferir. – Os querubins são práticos em seus objetivos e perfeitamente leais.

Urakin respirou fundo e só então notou quanto sagrava. Os tiros não o matariam, mas o haviam deixado exausto – ele precisava se alimentar.

– Sabe aquele sanduíche nojento? – continuou o guerreiro, apoiando a mão no ombro do pequeno Levih. – Acho que vou aceitar.

PARTE I



SANTA HELENA



CAN'T TAKE MY EYES OFF YOU

Universidade de Santa Helena, região serrana do Rio de Janeiro

SANTA HELENA ERA UMA CIDADE FRIA, MESMO NO OUTONO. NOS DIAS MAIS quentes, o clima tropical trazia chuva e umidade, mas na altitude das montanhas sempre corria uma brisa gelada, regulando o ar a uma temperatura agradável. Bem cedo pela manhã, um tapete de folhas cobriu a praça da universidade, cercada por antigos sobrados, onde funcionavam as salas de aula e as repúblicas de estudantes.

Em um dos dormitórios, a jovem Rachel percebeu um clarão, um estouro que logo se transformou num redemoinho, uma imagem belíssima, colorida, que remetia às fotografias, que vira nos livros, de galáxias e supernovas.

Lembrava-se distintamente de estar deitada na cama, sozinha, quando uma menina em tons difusos apareceu levitando abaixo do teto. Não sentiu medo, apesar da cena inconcebível. Devia estar sonhando – era a conclusão lógica.

A garota surgiu como um fantasma. Os longos cabelos oscilavam numa agitação aquática, enquanto o rosto aparecia translúcido. Devia

ter uns oito anos, não mais que isso, e vestia uma camisola estampada, coberta por um casacão de adulto, bordado com um símbolo redondo no peito, que Rachel identificou como os traços estilizados da letra I, ou alguma coisa próxima a isso. Segurava na mão direita um ursinho de pelúcia encardido, de grandes olhos pretos, nariz longo e focinho esférico.

De boca aberta, a menina flutuante pedia ajuda – foi o que Rachel concluiu. As palavras saíam arrastadas, e o som, abafado. Atrás dela, um túnel tentava sugá-la, mas alguma coisa a mantinha segura, fixa no lugar. Estava ancorada – era o termo mais preciso – ao quarto por uma corrente, ou talvez fosse um fio, parte metálico, parte orgânico. O estranho cordão saía do umbigo e descia, entrando profundamente no ventre da própria Rachel!

A moça se agitou, berrou um grito mudo. O corpo começava a doer, a queimar, a pele ardia.

A criança sumiu, e de repente Rachel viu o rosto de um homem pálido, com olhos cinzentos, feito duas pedras de gelo. Sua presença era malévola, carregada de ódio e sadismo. Sentiu seu hálito frio e teve medo, muito medo, um horror infantil, que a petrificava, deixando-a impotente.

Voltou a gritar, ainda mais alto, tão alto quanto podia. Mentalizou a porta do quarto, a saída da república, e usou toda a força de vontade para fugir, levantar, correr, mas o corpo pesava.

Avistou um brilho dourado.

Despertou.

Rachel acordou com o sol batendo no rosto. Alguém recolhera a cortina, finalmente a salvando do pesadelo cruel.

Quando a vista se acostumou, ela respirou aliviada. Estava de volta ao mundo real. As cores eram vivas e palpáveis, não desbotadas e escuras como as do sonho. O cheiro dos canteiros a tranquilizou, e até o ruído dos calouros no pátio foi percebido como uma bênção libertadora. Havia retornado ao dormitório, no segundo andar do sobrado, com a janela aberta para a praça do campus.

Hector, seu namorado, estava sentado ao pé da cama, pronto para defendê-la de qualquer ameaça – essa era a sensação que ela tinha. O rapaz, um dos alunos mais brilhantes da faculdade, era presidente de turma, adorado pelas meninas e popular entre os veteranos. Bonito e elegante, desfilava um corpo perfeito. Exibia vigor de atleta – tinha vencido dezenas de competições de natação no colégio, conquistado troféus e medalhas antes de ingressar no curso superior. Seu charme crescia quando ele penteava os cabelos louros com gel, conquistando os professores com seu ar de bom moço.

Ele se agachou para amarrar o cadarço. Ao vê-lo de camiseta e bermuda, Rachel soube que ele estava de saída para mais uma de suas rotineiras caminhadas nas montanhas, um hábito que cultivava religiosamente, sempre no mesmo horário.

– Outro pesadelo? – foi Hector quem falou primeiro. – Será que é alguma coisa que você anda comendo?

Ela se esforçou para falar. A garganta estava seca. A voz ficou rouca.

– Por que tanto barulho? – Havia uma agitação incomum na pracinha.

– É o último dia de aula. Amanhã é feriado. Conseguiu falar com a sua mãe?

Rachel sentou-se na cama para recobrar a razão. Coçou os olhos verdes, bocejou. Os longos cabelos ruivos desciam lisos até a cintura. Olhou para as próprias mãos, para ter certeza de que estava desperta. A pele era clara e sedosa, e sardas ocasionais pontilhavam o nariz. Vestia apenas um moletom vermelho bordado com o escudo da faculdade.

– Tentei ligar ontem o dia inteiro, mas ninguém atendeu. – Ela cruzou as pernas sobre o colchão. Esticou a coluna. Puxou o edredom para o lado.

– O que vai fazer?

– Tentar de novo. E de novo. Se ela não atender, acho que vou ficar aqui mesmo. – Sua expressão era amarga, mas conformada. – Tenho uma pilha de livros para estudar e prova na segunda-feira, no primeiro tempo – apontou para os volumes na escrivaninha.

– A faculdade fica deserta na Páscoa – disse Hector. – Seria perigoso permanecer na cidade.

– Perigoso? – Rachel não sabia se era um conselho ou uma brincadeira. – Santa Helena não registra um crime há mais de dez anos.

– Perigoso para sua saúde. Você não tem passado bem ultimamente. Vive com dor de cabeça. Come hambúrguer e vomita. E se alguma coisa acontecer? O hospital mais próximo está a vinte quilômetros.

Hector tinha razão, e ela reconhecia isso. Mas não queria, não sabia ao certo por quê, aborrecer os pais. E gostava de ficar sozinha, era verdade. Não via a mãe fazia várias semanas, mas sempre fora assim em sua família: cada um com seus problemas, suas tarefas, seus programas, e ninguém se amava menos por isso. Era quase como uma tradição os filhos, netos, pais e avós se verem só no Natal e raramente na Páscoa. Rachel nunca chegara a concordar com esse costume, mas respeitava a vontade da maioria. O problema era que, pessoalmente, jamais aprendera a suportar a distância, então lidava com o assunto simplesmente desviando a atenção, concentrando-se em outras coisas, como o namoro e o estudo. Tentou imaginar uma alternativa e, só porque o rapaz levantara a questão, tomou a liberdade de perguntar:

– Acha que sua mãe ia gostar de me conhecer? – Era difícil aquela abordagem. Estava entrando em terreno perigoso.

Hector levantou da cama com um suspiro. Com os tênis amarrados, estava pronto para sair.

– Já conversamos sobre isso, Rachel. – Haviam falado, de fato, mas em tom de romance. Não era nada sério, até agora. A memória seletiva do rapaz a assustou. – Meu pai está doente. Não queria que os conhecesse agora.

– Foi a mesma coisa que disse há um ano. – Ela queria deixar claro que também podia se lembrar. Não desejava sufocá-lo, mas sua postura era ridícula, segundo ela julgava. Ele agia como se tivesse vergonha do que havia entre eles. Hector tinha muitas qualidades, mas no tocante à família se mostrava estranhamente paranoico. – Estamos juntos faz meses.

– Não vou discutir com você. – Ele conferiu o relógio. – Tenho que ir, senão fica tarde.

– Tudo bem – mas não estava nada bem.

– Quer um conselho? – ele mudou de assunto. – Escreva sobre o sonho de hoje. Escreva tudo num papel.

Ela franziu o cenho. Hector a beijou na testa.

– É um santo remédio – explicou, quando viu que ela nada diria. – Dica do meu professor de psicologia – e lhe entregou um bloco de folhas amarelas. – Agora tenho mesmo que ir. Vejo você no almoço.

– No refeitório, ao meio-dia? – Eles sempre comiam juntos.

– Combinado – e saiu apressado. Bateu a porta.

Rachel continuava abalada. Levantou-se e entrou no banheiro – em Santa Helena, cada estudante tinha seu próprio quarto, com toailete particular, assim não era preciso dividir com os outros. Abriu o chuveiro. A água saiu num jato forte, enquanto o vapor embaçava o espelho.

Deixando de lado os problemas com Hector, o sonho com a garotinha voltou à lembrança. A Universidade de Santa Helena, como qualquer instituição afastada, era repleta de mistérios. Os veteranos insistiam que era assombrada. Os rumores acerca do mosteiro a partir do qual o complexo fora construído incluíam relíquias medievais, rituais de magia negra e cerimônias indígenas. As histórias ganhavam fôlego a cada período, quando chegavam novos calouros, com os mais velhos inventando e reinventando fragmentos da lenda.

Por um momento, uma ideia lhe passou pela cabeça. Não que acreditasse naquelas besteiras, mas não pôde evitar.

E se não fosse um sonho? E se a menina estivesse mesmo pedindo ajuda?

Tirou a roupa e ligou o rádio, antes de entrar no banho. Uma música começou a tocar.

“Can’t Take my Eyes off You.”

2

OS SENTINELAS

Sudoeste Asiático, num passado remoto

O ALVORECER COLORIU AS MONTANHAS.

Na planície, a aldeia despertou para um novo dia, numa manhã quente e seca, desenhando miragens no horizonte deserto. Arbustos e tamareiras cercavam o aglomerado de tendas de couro, onde quase cinquenta famílias moravam juntas. Uma fonte de água potável fora protegida no centro da vila, para saciar camelos e mulas, provendo tudo que a comunidade necessitava para o próprio sustento. Eram caçadores, coletores e nômades, não conheciam a agricultura e aos poucos desenvolviam uma forma limitada de comunicação pictográfica. Trabalhavam em equipe, estocavam alimentos, costuravam roupas, pintavam suas aventuras nas paredes das cavernas, talhavam armas em pedra, osso e madeira.

Um besouro zumbiu sobre as barracas quando uma nuvem vermelha recobriu o céu matinal. Ventou forte, as crianças correram, os animais se agitaram. Um dos aldeões pôs a cabeça para fora da tenda, pedindo que os demais não se assustassem. Saiu com os pés descalços, tocando

o chão arenoso. Andou sozinho por várias milhas para reverenciar a explosão. Não era moço, tampouco era velho. Ligeiramente calvo nas entradas sobre a testa, tinha o rosto maduro e barbudo, os dedos grossos e a face robusta. A única peça de roupa que vestia era uma tanga de pele de leão. Não carregava lança nem porrete.

Olhou para as montanhas e viu uma figura dourada aparecer na sua frente. O frágil tecido da realidade lançou vibrações no momento em que a aura se condensou, com os contornos se tornando visíveis, para enfim se manifestarem na imagem de uma criatura quase humana. Trajava uma armadura de ouro que o cobria inteiramente. O elmo era na verdade um capacete finíssimo, uma touca metálica que protegia a cabeça, deixando o rosto à mostra. Os cabelos cor de mel desciam soltos pelas costas, onde as duas asas de penas brancas se dobravam num vinco. A silhueta era delgada, com traços serenos. Da cintura, pendia uma bainha metálica, escondendo a lâmina da inigualável Flagelo de Fogo.

– Gabriel, o Mestre do Fogo – saudou o aldeão, ainda prostrado. – Faz um longo tempo desde estivemos juntos pela última vez.

– Levante-se, meu amigo – respondeu o arcanjo, com a mão direita erguida num gesto de cumprimento. – Não há razão para formalidades.

– Sua visita nos enche de alegria – ele falava por toda a aldeia. – Conversei sobre vocês aos meus filhos. Estão todos ansiosos para conhecê-los: jovens e velhos, homens e mulheres, caçadores e artesãos.

– Talvez não seja a melhor hora – a expressão de Gabriel era fria. – Venho em nome do arcanjo Miguel, o príncipe supremo das legiões. Temos ordens especiais para você, sentinela, que precisam ser cumpridas à risca.

O aldeão sentiu um aperto no peito. Não podia ser coisa boa.

– Como posso ampará-lo, gigante?

– Sua missão neste plano está concluída. – O tom era áspero agora. – Conclamamos seu regresso aos Sete Céus. Convoque os outros sentinelas; só você saberia chamá-los. Todos que ainda vivem no Éden devem retornar à casa de Deus.

– Mas por quê? Com que finalidade?

Gabriel observou o acampamento e fez uma longa pausa antes de divulgar a notícia.

– Os arcanjos decidiram que os mortais não são dignos de continuar existindo. Vamos exterminá-los enquanto há tempo, e para isso precisamos da sua ajuda. Necessitamos do apoio de todos.

O aldeão fechou a cara e deu um passo para trás. Não acreditava no que tinha escutado.

– O *quê?* – murmurou, quando finalmente conseguiu se expressar.

– Quando? Como?

– Em breve, muito breve. Vamos esfriar o planeta, expandir as regiões polares, congelar os mares, lagos e rios. Não sobrá um só terreno para manchar a criação. Será feito. Está decidido.

– Não. – Era chocante demais. – Isso é heresia. Quem são vocês para interromper o curso de uma espécie inteira? Quem são os arcanjos para falar em nome de Deus?

– Fomos legitimamente escolhidos *por* Deus – lembrou, com autoridade magistral. – O sétimo dia não é dele, é *nosso*. Nosso tempo, nosso reino, nossa era. Não há coisa alguma acima de nós.

– E a palavra? Esquecem-se da palavra.

– A *palavra?* – Não fosse tão sério, Gabriel teria gargalhado. – Dê uma olhada para si mesmo. Tudo que fizeram desde que chegaram aqui foi corromper as ordens divinas, misturando-se aos humanos, fornicando com as fêmeas, acasalando com esses animais das cavernas. Os mortais são fracos, inúteis e de natureza malévola. São assassinos desonrados, egoístas e perversos.

– Não vou negar – o aldeão abaixou a cabeça. – Mas nem tudo que provém da natureza humana é necessariamente cruel. São seres de espírito indomável, livres como nunca fomos e nunca seremos. Talvez por sua capacidade de gerar vida, exercitam um tipo de amor sagrado, sublime, puramente *divino*. Se os conhecesse melhor, entenderia o que estou dizendo.

– Esse tipo de coisa jamais acontecerá – foi direto ao ponto. – O que ofereço é simples. Retorne e será consagrado. Todos que insistirem em ficar morrerão em desonra.

– Então morreremos. Escolhemos morrer. Temos uma missão e permaneceremos em nossa morada até o momento do Despertar.

Gabriel discordou com a cabeça. Tocou o punho da espada, mas não chegou a sacá-la.

– O príncipe sabia que seria difícil convencê-lo, sentinela, por isso me enviou. O que você não entende é que também tenho uma missão. Que *vou* completar.

– O que Rafael pensa disso? – Ele se referia ao arcanjo, chamado de Cura de Deus. – O que ele tem a dizer sobre esse cataclismo que planejaram?

– Rafael não tem nenhum poder sobre nós. Ele fará o que lhe for ordenado, assim como você. – Ameaçou puxar a arma. – Vou dar o último aviso. Retorne comigo. É uma *ordem*.

O aldeão enrijeceu os músculos, pronto a lutar para defender sua causa. Estava claro que não cederia tão facilmente. Das costas, brotaram duas asas cor de areia.

– Só existe *um* que pode me dar ordens, e seu nome é Yahweh.

O Mestre do Fogo relaxou a guarda.

– Essa é sua resposta final?

– Essa é a *única* resposta.

– Espero que reconsidere – ponderou, reunindo forças para se desmaterializar.

– Digo o mesmo, arcanjo. – E, à medida que Gabriel ia sumindo, ele repetiu: – Digo o mesmo.

O gigante desapareceu na mesma nuvem em que viera, e assim a tempestade se dissipou.

Mas ela voltaria.